

RELATO DE EXPERIÊNCIA

EXPERIENCE REPORT

REPORTE DE EXPERIENCIA

Lar dos Velinhos em Rio Azul, Paraná - Da história à perspectiva de moradia: entre a coletividade e a singularidade

Old People's Home in Rio Azul, Paraná - From history to housing perspective: between collectivity and singularity

Hogar de Ancianos en Rio Azul, Paraná - De la historia a la perspectiva de la vivienda: entre colectividad y singularidade

Denis Cezar Musial
Talbian Raony Przybycz
Fernanda Rocha
Juliana Ferreira Marcolino-Galli

RESUMO: Este relato de experiência tem como proposta tecer reflexões sobre a moradia e a operacionalidade de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos do município de Rio Azul-PR, a partir de uma perspectiva triangular, ou seja, dos idosos residentes, dos profissionais e da comunidade. Nota-se que os dizeres apresentados demonstram que a instituição deve estar em constante movimento em (re)pensar as práticas no cotidiano para enfrentar os desafios e construir espaços para que se possa envelhecer com dignidade, reconhecendo o quanto se faz urgente esse debate pelos e nos municípios diante das diversas realidades regionais no Brasil.

Palavras-chave: Instituição de Longa Permanência; Velhices; Moradia.

ABSTRACT: *This experience report proposes to reflect on the housing and operation of a Long Stay Institution for the Elderly in the city of Rio Azul-PR, from a triangular perspective, that is, the elderly residents, professionals and the community. It is noted that the statements presented demonstrate that the institution must be in constant movement in (re)thinking everyday practices to face the challenges and build spaces so that one can grow old with dignity, recognizing how urgent this debate is by and in the municipalities in view of the different regional realities in Brazil.*

Keywords: *Long-stay Institution; Old ages; Home.*

RESUMEN: *Este relato de experiencia propone reflexionar sobre la vivienda y funcionamiento de una Institución de Larga Estancia para Ancianos en la ciudad de Río Azul-PR, desde una perspectiva triangular, es decir, los ancianos residentes, profesionales y la comunidad. Se observa que las declaraciones presentadas demuestran que la institución debe estar en constante movimiento en (re) pensar las prácticas cotidianas para enfrentar los desafíos y construir espacios para que uno envejezca con dignidad, reconociendo la urgencia de este debate por y en los municipios. en vista de las diferentes realidades regionales en Brasil.*

Palabras clave: *Institución de larga estancia; Edades avanzadas; Hogar.*

A história, organização e função do Lar dos Velinhos em Rio Azul, Paraná

Envelhecer com Dignidade... é o lema que a instituição carrega em seu cotidiano, (re)pensando suas ações para que a velhice seja contemplada nos seus sentidos múltiplos e com respeito às histórias de vida de cada sujeito. A partir desse ponto de vista, desafios são enfrentados para que esse lema seja, de fato, incorporado por todos os moradores, funcionários e gestores da instituição, o que será relatado neste trabalho.

A Associação Lar dos Velinhos de Rio Azul localiza-se na região centro-sul do estado do Paraná, um município com aproximadamente quatorze mil e quinhentos habitantes. Foi fundada em quatro de abril de 1984. e idealizada por Osvaldo Kosciuk

que, quando criança, ao visitar um “asilo”, começou a sonhar em um dia construir uma instituição para idosos. Quase trinta anos depois, iniciou este projeto, com apoio do prefeito municipal da época, Ansenor Girardi, o qual prontamente somou forças para a concretização desse sonho. A instituição, que nesta época ainda se chamava “Lar dos Velinhos Reverendíssimo Padre João Salanczyk”, começou a funcionar em uma casa de madeira pertencente à prefeitura municipal. Em mil novecentos e oitenta e sete (1987), as instalações mudaram de uma casa de madeira para uma sede própria (terreno doado pela própria prefeitura), com grande mobilização da sociedade a fim de levantar fundos para a construção deste novo espaço.

A Instituição de Longa Permanência para Idosos – Lar dos Velinhos de Rio Azul - tem característica assistencial com diretoria própria e escopo normativo baseado na política de assistência social. Seu caráter filantrópico corrobora a pesquisa do IPEA (2011), ao indicar que 65,2% das instituições são filantrópicas e, nesse sentido, indica que o Estado, enquanto agente de proteção social, transfere suas responsabilidades para grupos da sociedade civil assumirem como atores de proteção social.

De acordo com a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais (2009), a instituição faz parte da proteção social especial de alta complexidade com a prestação de serviços de acolhimento excepcional para pessoas idosas, ofertando atendimento integral, tais como: alimentação, vestuário, moradia, lazer, esporte, cultura, dentre outros. O acolhimento institucional da ILPI tem como modalidade estruturante de organização em formato de diversas residências. Desse modo, o “Lar dos velinhos” difere de outros por seu sistema de moradias. Em 2006, iniciou-se a construção de pequenas casas, com varanda, sala, banheiro e dois quartos para dois moradores em cada uma. Em 2011, foram construídas as últimas, totalizando dez casas, cada uma com 49m².

A estrutura física, além de ampla área externa, dispõe de um prédio principal com ambientes de uso coletivo: sala com televisão, refeitório, salão de entrada, banheiros coletivos. Há vestiários e banheiros para funcionários e visitantes, cozinha, panificadora, rouparia, lavanderia, sala de enfermagem, sala de medicamentos, sala de observação, expurgo, sala de espera, sala de reuniões, escritório, sala da assistente social, sala de fisioterapia e atividades pedagógicas e uma capela para cultos ecumênicos.

O fluxo de encaminhamento das pessoas idosas para a instituição é pelos serviços de assistência social, em especial o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), desde que estes idosos sejam provenientes de municípios conveniados com a instituição, ou ainda, via comarca correspondente à região onde está situada. Não são admitidos casos particulares. São usados como principais critérios para acolhimento: contato realizado a partir de profissional Assistente Social do município em que o idoso reside atualmente (devendo este município ser conveniado à instituição); idade igual ou superior a sessenta anos; parecer social que indique ao menos uma das seguintes situações - idoso com vínculos familiares rompidos ou inexistentes sem condições para prover o autocuidado da saúde; idoso vítima de algum tipo de violência; idoso com vontade própria e manifestação de ser acolhido nessa instituição; ou ainda, situação que contemple algumas das acima citadas mas seja encaminhada para instituição por via judicial; formulário de requerente a vaga preenchido por profissional responsável pelo encaminhamento (o qual contempla questões acerca da vida do idoso, desde pertences que ele possua até condições de convívio com outras pessoas). Por último, deve ser agendada uma visita prévia do idoso à instituição, acompanhado por profissional responsável pelo encaminhamento, bem como por familiar (quando houver). Nesta visita, o idoso conhece a instituição, seus profissionais, residentes, regras e rotinas. Ainda, o enfermeiro realiza a triagem e a assistente social faz a entrevista com o idoso. Após este momento, a instituição tem por uma semana para dar uma resposta favorável ou não ao acolhimento. Os motivos para um não acolhimento são: idoso com faculdades mentais preservadas, com vontade contrária ao de acolhimento e que se mostre apto para realizar o autocuidado; situações de saúde das quais se recomenda o encaminhamento para um hospital; dificuldade cognitiva que ofereça riscos ao próprio idoso e ou demais pessoas a seu redor.

Em 2011, a instituição chegou a acolher 63 idosos, seu maior número de acolhidos. Hoje são 34 residentes, com uma capacidade máxima de acolhimento para 40 idosos.

Em 2012, tornou-se iminente a possibilidade de a instituição fechar as portas, devido às várias inadequações em espaços físicos, recursos humanos em quantidade insuficiente, problemas administrativos, dívidas com fornecedores e dificuldades

financeiras. Este período foi marcado por mudanças na gestão, e consequentemente, uma forma nova de pensar a moradia.

Adotando, como primeira medida para as mudanças, o não acolhimento de nenhum idoso até chegar ao número de residentes acolhidos de maneira que todos pudessem mudar para as casas construídas. Assim, logo foram extintos os quartos coletivos. Com capacidade para quatro idosos por casa, sendo dois por quarto em um total de dez casas, a capacidade de acolhimento passou para quarenta idosos. Neste mesmo ano, foram retomadas as admissões de novos moradores.

Esta fase exigiu transformação de perspectivas da gestão da instituição para propiciar visibilidades positivas na sociedade. Por exemplo, a realização de audiência pública transpareceu ao público todas as dificuldades e objetivos do Lar dos Velinhos. Ao responsabilizarmos todas as esferas da comunidade (público e privado), um grupo de empresários colaboradores resolveu assumir alguns compromissos. Deste momento em diante, a credibilidade da instituição começou a aumentar consideravelmente, o que também favoreceu mudanças entre residentes e funcionários com o objetivo de ressignificar a instituição.

A extinção dos quartos coletivos e a mudança de todos os residentes para as casas foi um processo que se deu pouco a pouco. Assim, a mudança da estrutura física deu um novo sentido para moradia na ILPI. Neste período, uma frase dita por uma residente resumia a mudança de visão dos próprios idosos quanto à residência: “Hoje se chover ficarei em casa, se não chover eu vou no asilo”. Para eles, asilo passou a ser o prédio principal, onde todos se reuniam para as refeições, momentos de atividades, rodas de conversas e outros.

A adaptação para alguns se deu rapidamente; para outros, o processo foi demorado, principalmente pela falta de afinidade com o colega de quarto. No início, priorizava-se essa afinidade para melhor convivência na casa. Com o tempo, enfocou-se um trabalho de aceitação das diferenças do outro. Essa mudança de postura da gestão favoreceu a solução dos conflitos entre os próprios colegas de quarto. Para os profissionais, a mudança se deu gradativamente. Isso porque o tratamento coletivo, embora já sempre buscando atender as particularidades de cada um, passou a ser mais individualizado no dia a dia.

Além das mudanças internas, era preciso aproximar os idosos da sociedade e diminuir os efeitos da institucionalização. Desse modo, foi adotado o discurso de que a demanda do Lar dos velhinhos era a falta de visitas. Assim, muitos colaboradores de Rio Azul e outros municípios se aproximaram e a população passou a frequentar mais o local. Desde 2013, algumas empresas realizam visitas mensais com seus funcionários e muitos vínculos foram estabelecidos.

As fontes mensais de recursos para a manutenção da instituição se fazem com as seguintes frentes: (1) setenta por cento (70%) da aposentadoria e ou Benefício de Prestação Continuada de seus residentes; (2) contrapartida dos municípios no valor de R\$ 700,00 (setecentos reais) mensal por residente, valor atualizado a partir de setembro do presente ano para R\$ 950,00; (3) Repasse do Governo Federal de R\$ 1400,00 ao mês.

Além destas, outras formas de recursos são captadas: (1) eventos organizados pela própria instituição ou terceiros; (2) repasse de recursos advindos do fundo estadual dos direitos da pessoa idosa e fundo municipal dos direitos da pessoa idosa de maneira pontual; (3) recursos advindos de editais, quando disponíveis, com repasse de maneira pontual e; (4) doações.

Numa problematização inicial, vale pontuar que os valores repassados são insuficientes e demandam de estudos sobre o custo x benefício de um idoso acolhido em uma ILPI, bem como um reordenamento dos serviços de acolhimento para pessoas idosas por não compreender o que seja uma instituição deste nível diante de diversas realidades regionais no Brasil.

Em seu quadro de recursos humanos, a ILPI possui um enfermeiro coordenador; uma assistente social; uma auxiliar administrativa; duas técnicas de enfermagem; quatro cuidadores; cinco auxiliares de serviços gerais e quatro cozinheiras. Tem-se a previsibilidade de, em 2019, contratar um profissional de psicologia; mais duas cuidadoras e um auxiliar de manutenção.

Um dos atributos positivos da instituição foi construir com os residentes um sentimento de pertencimento ao espaço, algo complexo, que envolveu um conjunto de fatores e ações que trouxeram mudanças significativas na vida dos idosos. Os novos sentidos reverberaram, em suas vozes, na utilização de enunciados como “*minha casa, meu quarto, minha companhia, meus pertences*”. Entretanto, o desafio é cotidiano; a

cada novo conflito, mediações são necessárias, e a saída é uma nova ação coletiva, observar os resultados e transformar um modelo de residência que proporcione os cuidados necessários aos residentes, com segurança, mas também que preserve a singularidade em um espaço coletivo. Um desafio constante!

Desafios e propostas na ILPI: entre coletividade e a singularidade

Não podemos nos esquecer de quem é o idoso e do motivo de sua institucionalização, sempre marcada por uma maior fragilidade e dependência. A institucionalização deixa evidente a fragilidade, o rompimento de laços com a comunidade, é a única, ou a melhor alternativa, de moradia desse sujeito, embora nem sempre seja de seu desejo. Enfrentar a dependência e conviver com outros na mesma condição não é tarefa simples.

A literatura destaca que os idosos institucionalizados possuem, em sua maioria, histórias de vida com muitas dificuldades familiares, negligências, baixa escolaridade e financeiras (Baldin, & Marcolino-Galli, 2014). De um modo geral, os moradores do “Lar dos Velinhos” não fogem ao perfil mencionado. Atualmente, em sua maioria são homens (19 homens e 12 mulheres); dos 31 residentes, 23 trabalharam na agricultura; 21 não tiveram filhos; 19 nunca foram casados; atualmente, existem quatro casais formados por residentes. Quatro idosos já passaram por situação de rua; oito tem histórico de alcoolismo; atualmente, dez são tabagistas; 15 apresentam algum problema cognitivo; um tem idade inferior a 60 anos (57 anos) e apenas uma residente recebe mais do que um salário-mínimo. Quanto à escolaridade, estima-se que apenas cinco estudaram para além da quarta série do ensino fundamental. E cinco residentes relatam terem sofrido violência física, no envelhecimento.

Um ponto de desafio é que a ILPI precisa manter uma rotina para funcionar, como horários de higiene, alimentação e, ao mesmo tempo, precisa ser flexível para dar espaço ao tempo de cada residente. Alguns autores relatam que o excesso de rotina institucionalizada, a ociosidade e o controle dos idosos pode culminar em “morte subjetiva”. O idoso apenas sobrevive à rotina, mas sem desejo e expectativa de um futuro (Baldin, Marcolino-Galli, 2014; Baldin, 2016).

Desde a mudança de todos para as casas, aumentou a área de circulação dentro da própria instituição e, com isso, mais liberdade. Antes, eles estavam restritos aos encontros no prédio principal. Após a nova estrutura de moradia, passaram a se encontrar pelos caminhos que ligam o prédio principal às casas, conversando entre eles, apoiados no corrimão, ou ainda, cuidando do jardim. Alguns se sentam nas varandas para conversar, tomar chimarrão, passar o tempo. Já outros preferem os espaços mais coletivos, como a sala de televisão e o pergolado (existente na área externa). Tem quem prefira ficar deitado na sua cama, ou ainda, ficar na sala da casa vendo televisão ou ouvindo rádio. Contudo, as rotinas estão limitadas aos horários de higiene, de refeições e medicamentos. Quem não quer ou não está bem para ir ao refeitório, recebe a refeição na sua casa. O horário do banho é mais regrado aos idosos que precisam de auxílio, pois os demais são livres para escolher o horário que acharem mais conveniente.

Os passeios são sempre programados e, os que não querem participar têm sua vontade respeitada. Alguns gostam de sair para ir ao mercado, sempre com algum funcionário e aproveitam as saídas rotineiras para terem seus momentos de liberdade. Alguns residentes vão passear na casa de parentes ou amigos, com agendamento prévio e termo de responsabilidade devidamente assinado.

Nota-se que, além dos momentos regrados aos horários da ILPI, existem ainda os momentos que se tornam rotinas estabelecidas pelos próprios idosos, horários de chimarrão, de repouso e, ainda, por exemplo, horário de namoro.

Costa e Mercadante (2013) afirmam que o afastamento do sujeito “asilado” do mundo exterior é um primeiro ponto de impacto para a adaptação na ILPI. Nesse aspecto, observa-se nesta ILPI um momento de novos laços, de expectativa por uma mudança, uma vez que a grande maioria chega em situação de extrema vulnerabilidade. Para a maioria dos residentes, a chegada de mais um residente é acolhida, alguém novo a ser conhecido; alguns se manifestam querendo saber em qual casa será a moradia do novo residente. Sempre algum residente mais comunicativo e receptivo se encarrega de acompanhar o recém-chegado.

As maiores dificuldades de adaptação que são vivenciadas nesta instituição dizem respeito à aceitação do idoso que não está mais em condições de prover o autocuidado e ou que não tem mais quem o ajude nas atividades diárias. O histórico de

alcoolismo dos idosos é um grande obstáculo à adaptação, já que insistem em sair da instituição devido à dependência.

Outro ponto de destaque na literatura sobre o perfil do sujeito na ILPI é a alteração cognitiva e estados depressivos (Alencar *et al.*, 2012). Uma das propostas, relatada por Costa e Marcadante (2013), é a necessidade de atividades para manter as pessoas úteis e “vivas”. Nesse ponto, no Lar dos Velinhos, entende-se que essas situações requerem ainda mais atenção e cuidados, principalmente por estarem convivendo com outros idosos. Além do tratamento medicamentoso, inseri-los em grupos com outros residentes se faz necessário. Quanto às atividades, eles realizam atividades físicas com educador físico duas vezes por semana; atividades pedagógicas com a pedagoga duas vezes por semana; uma vez a cada duas semanas participam de grupos de convivência dentro do projeto do CRAS do município; uma a duas vezes por semana participam de atividades em parceria com o Centro Municipal de Educação Infantil, que é uma creche vizinha de muro da instituição. Além de atividades internas, como as pedagógicas e de educação física, auxiliarem nas questões motoras e mentais, nota-se o fortalecimento de vínculos entre eles. O grupo de convivência possibilita contato com outros idosos externos à ILPI, e, assim amizades são estabelecidas com a comunidade externa.

Destaca-se ainda a convivência entre residentes da instituição e os vizinhos de muro, os alunos de uma creche municipal, “CMEI Professora Maria Luiza Gaisler Soares”, a partir da criação do “portal do tempo” - abertura de um portão entre o muro que separa as duas instituições. No ano de 2018, quando o portão foi aberto, iniciou-se o projeto de iniciativa da professora Rubielly Nunes Budziak, “Entre Pequeninos e Grandões”. O contato intergeracional proporcionou aos idosos um reencontro com a própria infância e de conhecidos (filhos, netos ou filhos de amigos), lembrando estes momentos através da fala. Os vínculos se fortaleceram e alguns passaram a ter seus “amigos” ou “netos” preferidos. Além de receberem as crianças em seus espaços de convívio coletivo e em suas moradias, para mostrarem seus cômodos e pertences, os residentes passaram a visitar as crianças no centro municipal de educação infantil, tomados por alegria, participando juntos das brincadeiras, lanches e atividades, como “contação de histórias”.

Equipe e gestores têm por objetivo também cada vez propiciar aos residentes mais opções de atividades, diminuindo a rotina ociosa. Frente a isso, outra situação é de estabelecer aos residentes um convívio mais próximo à sociedade, a partir de passeios e também atividades programadas, na região.

Destacam-se, a seguir, alguns pontos que caracterizam as mudanças para se (re)pensar e (re)significar a velhice com dignidade na institucionalização. São situações que foram construídas com os próprios residentes e, proporcionaram maior autonomia e singularidade, quando estão em casa e não em quartos coletivos. Esse aspecto não se reduz à questão estrutural, já que observamos implicações subjetivas na vida dos idosos. Elencamos alguns aspectos:

a) Privacidade: Dividir seu quarto com até oito residentes dava a função de um espaço apenas para repouso diário ou noturno. A mudança dos residentes para as casas aumentou a privacidade. As casas são para no máximo quatro idosos, e os banheiros são deles. Nos quartos coletivos, os banheiros eram usados também para banho, o que tornava a privacidade algo praticamente impossível.

b) Identidade e os próprios pertences: Antes limitados às próprias roupas e cama, a vida entre paredes de uma casa e, não de um quarto coletivo, trouxe a necessidade de mobília. Além de doações, pouco a pouco, as casas passaram a ser mobiliadas. Exercitaram a decisão e democracia para, por exemplo, a compra de um sofá, com o valor dividido entre o número de idosos da casa e em comum acordo. Assim foi também com mesas, estantes e televisão.

Ter seu quarto, dentro da sua casa, a qual divide com no máximo outros três residentes, possibilitou aos idosos manterem seus pertences, não mais apenas em cima ou embaixo da cama. Por exemplo, Clarice tem quadros de santos pela parede da sua casa, fotos de familiares e foto com namorado na estante da sala, máquina de costura no quarto; Olinda tem um vaso de flores artificiais enfeitando a mesa da sala, uma capa de crochê em cima do sofá; Leal tem seus chapéus guardados em cima do guarda-roupa.

Nos quartos coletivos, um ou outro residente tinha um pequeno rádio, uma bíblia ou qualquer outro objeto que acabava perdido entre eles e ou guardado num armário de uso coletivo da rouparia. Com as casas e estímulo para uso dos 30% do valor da aposentadoria ou benefício de cada idoso (que é de direito dos mesmos para gastarem

como quiserem), surgiu a necessidade de compra de guarda-roupas, mesa lateral da cama, além de outros de preferência de cada idoso;

c) Formação de vínculos: A convivência dentro das casas gerou relações de amizade entre os idosos; dividir a mesma sala, o mesmo banheiro, os mesmos problemas de uma casa comum. Preocupar-se com o outro, fazer companhia, resolver conflitos relacionais.

d) Receptividade: Quando existiam os quartos coletivos, receber uma visita visivelmente não causava aos residentes a mesma satisfação que se observa as casas. Receber um visitante, levar a sua casa para mostrar seu quarto, convidar para um chimarrão na sala ou varanda, ter possibilidade de receber e conversar com privacidade se tornou comum.

Os visitantes são em sua maioria amigos dos residentes, amigos de antes da institucionalização, e algumas amizades surgidas lá dentro; outras são visitas de grupos de estudantes, amigos, grupos de funcionários de empresas; familiares também visitam a instituição com frequência.

e) Os segredos e esconderijos: O funcionamento institucional, mesmo com o sistema de moradias, ainda se mantém com uma organização entre o permitido e o proibido, próprio das relações humanas e o que podem ou não subverter as regras da instituição, também como uma forma de expressividade. É comum um residente contar situações que envolvam outro(s), como, por exemplo, nos inícios dos namoros em que os namorados se visitam até mais tarde; também quanto aos tabagistas que, por problemas de saúde tem a restrição ao uso, mas conseguem cigarros com outros idosos e se escondem para fumar; situações de brigas iniciadas e, que depois foram entendidas devido à troca de pertences entre eles, por exemplo, um idoso trocar uma calça por um par de sapatos; também situações que o idoso reclama ter sido “roubado” por outro, e quando é averiguado o acontecimento, ser encontrado o pertence num “esconderijo” do qual ele mesmo se esqueceu de que havia ali guardado. A maior parte das dificuldades dessas relações são notadas quando deixam de se falar, deixam de frequentar os mesmos espaços ou ainda quando se isolam.

De acordo com Freitas e Noronha (2010), compreender esse processo faz despir-se de olhares preconceituosos nos espaços institucionais, percebendo que a instituição não é um espaço “sem vida” ou “pela espera da morte”.

O cotidiano dos idosos é repleto de todas as situações que estão presentes fora dos muros da instituição. Ou melhor dizendo, existem conflitos, fofocas, paixões, sexo, perdas e ganhos, dentre outros inerentes às relações humanas.

f) Vontade manifesta em tornar-se residente da ILPI: Em alguns casos, idosos têm por conta própria entrado em contato com os serviços assistenciais dos seus municípios, buscando através deste se tornarem residentes do Lar dos Velhinhos; recentemente um casal de idosos tornou-se residente dessa maneira.

g) Alegria: Ter seu espaço, sua casa, seus móveis, ter a possibilidade de ir e vir e ficar à vontade entre quatro paredes. Poder tomar um banho demorado, ouvir o rádio em volume alto, deitar a hora que deseja sem ser incomodado, cantarolar, visitar a casa do outro, entre outras coisas, torna evidente a presença da alegria entre os idosos.

(10) Amor: Em 2005 e 2013 ocorreram casamentos entre os moradores. Em dezembro de 2020, foram realizados três casamentos entre os residentes que se conheceram na ILPI e continuaram morando na instituição e, na mesma casa, após se casarem. Nos primeiros casos, o namoro dos idosos causava desconforto entre os outros. Não era aceitável namorar publicamente: “uma pouca vergonha” era o relato mais comum entre os demais idosos. Estarem oficialmente casados tornou-se mais aceitável a convivência dos casais nos ambientes coletivos. Essas situações eram novidades inclusive para a equipe e, mediar as situações exigiu muito diálogo. Neste intervalo de tempo entre os primeiros casais de namorados que surgiram e os atuais, a aceitação dos demais residentes mudou significativamente. Atualmente, um dos casais está dividindo a mesma cama há um ano e meio, sem antes oficializarem o casamento, o que não causou incômodo a nenhum outro idoso.

Interferir na vida dos casais de namorados é raro, tanto para os demais residentes, quanto para a equipe. Existe um entendimento da equipe que a vida segue, assim como entre quatro paredes de um casal não institucionalizado. Eles vivem a vida deles, tendo a situação de casal mais observada pela equipe a partir de algumas necessidades, como em casos de orientação quanto a relações sexuais, ou quando manifestada por eles, algo raro, como por exemplo, quando envolve problema de saúde por parte de um e que o outro pede ajuda.

A adoção desses sentidos faz o trabalho em uma ILPI tornar-se um processo de (re)significação em seu cotidiano, não tornando as regras ou normas como um objeto determinado e estático, mas algo dinâmico, relacional e adaptável de acordo com as relações e construções humanas. Assim, a velhice institucionalizada pode ganhar outros sentidos e um (re)viver com dignidade.

No entanto, o trabalho numa instituição de longa permanência para idosos não pode ser baseada em manuais ou como cuidar dos idosos; deve ser construída no seu processo de forma coletiva com os residentes como um aprendizado constante e que demanda mudanças de acordo com as realidades regionais apresentadas no Brasil e demandas individuais de cada sujeito.

O que dizem os moradores sobre o “Lar dos velinhos”: opiniões e pequenas histórias

Maria¹, mora na ILPI há 1 ano e 8 meses. Ela chegou junto com seu segundo marido, o qual faleceu após meses da entrada deles na ILPI devido ao câncer pulmonar. Antes disso, foi casada por 31 anos e ficou viúva no primeiro casamento. Depois viveu 18 anos com o segundo marido. Ela disse que pensou em ir embora da instituição, mas logo começou a namorar um residente e agora vai se casar novamente. Queixa-se de não ter estudado quando nova:

“Eu acho bom porque lá [fora da ILPI] eu sofria, ele alugava a casa, a mais barata é 350 [...] e esse marido que morreu era muito teimoso, desobediente e fica mudando de casa, muitas mudanças e saía sem o dono mandar, do gosto dele, e aqui não, agora estamos morando em três, duas moças e eu, e aqui a casa é limpa, eu varro uma coisa ou outra, eles limpam todo dia casa, cama limpa, comida na hora, remédio, então porque vai sair, né? Agora eu gosto, no começo era ruim, sem sair sem autorização; agora, basta a autorização, me levam passear, me trazem de volta [...] agora não tá na liberdade, mas não falta

¹ Os nomes dos idosos são fictícios para preservar sua identidade.

nada [...] a gente sai daqui, ali na creche, vai tomar um chá, chimarrão, e aqui a gente volta está sossegado [...] e agora se acheguei com o senhor [...] pois sou viúva só um ano [...] ele passava para lá e olhava, passava para cá e olhava, começamos a conversar de lá e daqui [...] Pra mim tá bom assim, não quero mudar nada.”

Carlos, 74 anos, mora há cinco anos no “Lar dos Velhinhos”, trabalhou com caminhão por 27 anos. No seu relato destacou que não se sente muito bem de saúde, parecia mais desanimado e com pouco sentimento de pertencimento à instituição. A perda do trabalho não foi elaborada após sofrer acidente vascular cerebral. Apesar de dizer que gosta da ILPI, pretende sair e morar sozinho quando melhorar a sua saúde. Ele diz:

*“Cheguei pela assistência social, fiquei sozinho, morreu minha esposa, morreu minha mãe [...] não faço nada aqui, tenho muita tontura, bom que aqui tem enfermeiro. Eu guardo o dinheiro para um dia sair daqui [...] gosto da comida, tem frango e polenta duas vezes por semana e eu gosto [...] é bom que larguei do vício do cigarro e bebida e está bem melhor, me alimento bem e eu era muito namorador e essas aqui estão muito velhas, gosto de tudo daqui, me acerto bem com as pessoas aqui, mas acho melhor ficar sozinho aqui porque sai e cada um quer uma coisa [...] aqui é só comer, tomar banho e dormir, só isso, **trabalhar** passava o tempo, **o serviço é um grande amigo da gente, dá tudo o que a gente precisa, perder o nome o povo não confia, perde a vergonha também [...] vou passear na casa da minha irmã, às vezes.”***

Nos dizeres apresentados, a categoria trabalho se apresenta com uma relação próxima da existência enquanto ser social. Conforme Marx (2013, p. 255), “o trabalho é, antes de tudo, um processo entre homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza”.

Com isso, pontua-se que a categoria trabalho assume uma postura de mediação entre o homem e a natureza, agindo como um transformador da natureza, como também do próprio homem. O ponto emblemático aqui é como essa categoria trabalho é capturada pelo sistema capitalista, a que apenas uma parcela da população tem acesso, excluindo as pessoas velhas desse processo, sendo uma questão importante de discutir, nas instituições de longa permanência para idosos, como nos alertou o relato do Sr. Carlos.

Julio, 69 anos mora há três semanas na ILPI, quando contou sobre sua adaptação neste breve relato. Ele chegou junto com sua esposa Fátima, 71 anos, após ela sofrer acidente vascular cerebral que deixou importantes sequelas motoras. Ele destaca sua frustração frente à doença da esposa e a dificuldade em se tornar velho “tão rápido”. Parece que a velhice chega para ele quando a esposa adocece e eles mudam para a ILPI. Além disso, destacamos que, neste momento, a ILPI é semelhante ao lugar de internação que já vivenciou para o alcoolismo. Ainda não é uma moradia, já que isso leva tempo para ser significado. Seu relato sobre a adaptação na nova residência nos lembra o que disse Messy (1993) que a velhice é um instante singular e não chega para todos os idosos; já o envelhecimento é inerente ao ser humano. O autor distingue, portanto, a velhice como experiência singular e o envelhecimento como marca social e biológica. Nas palavras de Julio:

*“é só o casal, 42 anos de casamento, não temos filhos” [...] aqui é bom... ah, eu tenho problema de coluna, úlcera no tornozelo, tenho dificuldade, não tenho mais aquela força de como era mais novo [...] aí deixei tudo, casa, **mas achei a melhor solução** [...] no começo, tudo é novo, difícil para acostumar não é porque fui alcoólatra e fiquei internado dois meses e pouco; então, para mim, não é tão difícil acostumar **em lugar deste**, mas toda vida tinha na cabeça que ia chegar a velhice, **só que não sabia que seria tão rápido** [...] ela (a esposa) nunca ficou internada, sempre foi forte, professora e **achei que ela iria me cuidar na velhice e, no fim chegou mais rápido do que eu esperava** [...] só sinto falta mesmo é do meu cachorro”.*

Nota-se que, em apenas três relatos sobre a moradia e institucionalização, encontramos opiniões diferentes sobre a própria experiência de moradia. Isso porque, a vivência na ILPI depende da história anterior do idoso antes da institucionalização. Isso quer dizer que, depende de como o idoso se relacionava, se fazia laços, como lidava com as suas perdas, o que enfrentou durante toda a vida, têm efeitos significativos na sua adaptação de moradia. Maria, sempre em movimento de vida em casar e seguir o marido. Encontrou na ILPI um companheiro e, segue com esse movimento. Carlos entende que está na ILPI por questão de saúde e planeja um futuro fora da instituição, apesar de gostar. Julio, recém-chegado, está surpreso com o rumo que a vida tomou, como um golpe, ele que sempre foi cuidado pela esposa, se vê sem situação inversa e, inesperada. Isso quer dizer que, mesmo com o favorecimento da estrutura no modelo de casas, com uma gestão que preserve a identidade dos residentes, há ainda muito para (re)significar. Um passo que pode ser dado neste sentido é a escuta qualificada na roda de conversa.

Marcolino-Galli e Fonseca (2016) relatam a experiência com idosos em uma oficina na Universidade Aberta à Terceira Idade. As autoras enfatizam a importância do falar de si e da roda de conversa, quando mediados por um profissional de escuta qualificada. Ou seja,

[...] é que a abertura de espaço para falar e ser escutado possa produzir efeitos positivos na relação do sujeito com os estigmas e as verdades (sempre singulares) da velhice. Discursos e histórias endereçadas circulam e produzem efeitos subjetivos. Como dissemos, o significante *velhice* afeta o sujeito de modo singular e imprevisível (idem, ibidem, p. 239).

Considerações Finais

O relato de experiência enfatizou a importância da transição de um modelo de quartos coletivos para um modelo de casas. Além da mudança na estrutura da moradia, outras relações se estabeleceram e a própria direção e funcionários também

ressignificaram o “Lar dos Velinhos”, enfrentando em suas rotinas o desafio de exercer o cuidado e favorecer a autonomia nas velhices fragilizadas.

Os achados apresentam complexidades e desafios em tornar as instituições de longa permanência para idosos em espaços que tenham redes vivas e ultrapassem as fronteiras dos muros, proporcionando lugares que se possa envelhecer com segurança e dignidade, participando da sociedade como sujeitos plenos de seus direitos.

Referências

Alencar, M. A., Bruck, N. N. S., Pereira, B. C., Câmara, T. M. M., & Almeida, R. D. S. (2012). Perfil dos idosos residentes em uma instituição de longa permanência. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 15(4), 785-796.

Baldin, T., & Marcolino-Galli, J. F. (2014). Sobre o posicionamento do sujeito frente à rotina institucional: o relato de dois idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(4), 225-243.

Baldin, T. (2016). Velhice e institucionalização: cenas da vida no Abrigo. Mestrado em Psicologia. Universidade Federal Fluminense.

Brasil. (2009). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. *Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais*. Brasília, DF: MDS.

Brasil. (2011). Secretaria de Assuntos Estratégicos. *Infraestrutura Social e Urbana no Brasil: subsídios para uma agenda de pesquisa e formulação de políticas pública: Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil*. Camarano, A. A., Kanso, S., Mello, J. L., & Carvalho, D. F. (OrgD). Brasília, DF: IPEA, 2011.

Costa, M.C.N.S., & Mercadante, E. F. (2013). O Idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(2), 209-222.

Freitas, A. V. S., & Noronha, C. V. (2010). Idosos em instituição de longa Permanência: falando de cuidado. *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, 14(33), 359-369. Botucatu (SP): UNESP.

Marcolino-Galli, J., & Fonseca, S. C. (2016). Sobre queixas de dificuldades de memória na velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 21(2). 227-242.

Marx, K. (2013). *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Rubens Enderle, Trad. São Paulo, SP: Boitempo.

Denis Cezar Musial - Assistente Social, Especialista em Gerontologia. Doutorando, Programa interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário da UNICENTRO. Docente colaborador do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Assistente Social da Gestão do Trabalho do SUAS e Coordenador da Política da Pessoa Idosa.

ORCID ID: 0000-0001-8096-5686

E-mail: dinao58@hotmail.com

Talbian Raony Przybycz - Enfermeiro, bacharel, Universidade do Vale do Iguaçu - Uniguaçu. Enfermeiro e coordenador da Instituição de Longa Permanência para Idosos, Lar dos Velhinhos de Rio Azul.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5310-647X>

E-mail: talbian@gmail.com

Fernanda Rocha – Engenheira Florestal e Mestre em Ciências Florestais, especializada em Gerontologia e estudante de Serviço Social. Atua como Diretora da Proteção Social Básica no Município de Irati, PR.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0419-3340>

E-mail: fherfloresta@yahoo.com.br

Juliana Ferreira Marcolino-Galli - Fonoaudióloga, Mestre e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUC-SP). Professora adjunta do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3094-9159>

jfmarcolino@unicentro.br